



A MULHER E A DIALETOLOGIA BRASILEIRA WOMEN AND BRAZILIAN DIALECTOLOGY

Leandro Almeida dos Santos¹

Silvana Soares Costa Ribeiro²

RESUMO:

Este artigo, que possui um caráter documental e memorial, tem por meta destacar as mulheres na história dos estudos dialetais do Brasil. A intenção em registrar essas histórias surgiu a partir da análise sobre a preocupação de Antenor Nascentes, em 1958, quando afirmou que [...] *para a tarefa de colheita de material as mulheres são menos adequadas do que os homens...* (NASCENTES, 1958, p. 7). Objetiva-se destacar a contribuição feminina para o desenvolvimento da Dialetologia, por meio de textos que resgatem essas histórias, entrevistas com mulheres dialetólogas e visitas aos arquivos fotográficos, que certamente, revelarão os desafios e obstáculos vencidos por elas, no decorrer dos anos e nos avanços significativos quanto ao método. Para consecução da pesquisa, seguiram-se algumas etapas, a saber: a) delimitação do escopo da pesquisa, ao escolher três atlas linguísticos, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI, 1963); o *Atlas Lingüístico de Sergipe* (FERREIRA *et al.*, 1987); e o *Atlas Linguístico do Brasil* (CARDOSO *et al.*, 2014); b) realização de leituras das introduções dos três atlas selecionados; c) levantamento dos dados; d) elaboração de um quadro com a cronologia dos principais fatos; e) construção de um painel expositivo, a partir da consulta aos acervos fotográficos dos atlas selecionados, a fim de demonstrar a pertinência do trabalho desenvolvido pelas mulheres, no que tange à Geografia Linguística e à Dialetologia brasileiras. Vale destacar a importância e a preservação dessas memórias, uma vez que dão visibilidade aos aspectos que não são publicados nas pesquisas científicas da área, mas são tão relevantes quanto, pois elas, de certo modo, ajudaram a construir os caminhos trilhados por pesquisadores e pesquisadoras da Dialetologia brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres; Dialetologia; APFB; ALS; ALiB.

1 Professor substituto, Departamento de Ciências Humanas, Universidade Estadual da Bahia, campus IV, Jacobina, santosleo1811@gmail.com.

2 Professora Associada III, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, silvanar@ufba.br.



ABSTRACT:

This article, which has a documental and memorial character, aims to highlight women in the history of dialectal studies in Brazil. The intention to record these stories arose from the analysis of Antenor Nascentes' concern in 1958, when he stated that [...] *for the task of collecting material women are less suitable than men...* (NASCENTES, 1958, p. 7). The objective is to highlight the feminine contribution to the development of Dialectology, through texts that collect these stories, interviews with female dialectologists and visits to photographic archives, which will certainly reveal the challenges and obstacles they have overcome over the years and significant advances in the method. To accomplish the research, some steps were followed, namely: a) delimiting the scope of the research, by choosing three linguistic atlases, the *Previous Atlas of Bahian Speakers* (ROSSI, 1963); the *Sergipe Linguistic Atlas* (FERREIRA et al., 1987); and the *Brazilian Linguistic Atlas* (CARDOSO et al., 2014); b) reading of the introductions to the three selected atlases; c) data collection; d) preparation of a chart with the chronology of the main facts; e) construction of an exhibition panel, based on the photographic collections of the selected atlases, in order to demonstrate the pertinence of the work developed by women in terms of Brazilian Linguistic Geography and Dialectology. It is worth highlighting the importance and preservation of these memories, since they give visibility to aspects that are not published in scientific research in the area, but are as relevant as they are, since they have, in a way, helped to build the paths taken by researchers and researchers in Brazilian Dialectology.

KEYWORDS: Women, Dialectology; APFB; ALS; ALiB.

Rotas Introdutórias

Este artigo objetiva colaborar com a construção de um painel memorístico sobre o papel da mulher na Dialectologia e na Geolinguística brasileiras. A motivação surgiu a partir da análise dos escritos de Antenor Nascentes, importante dialetólogo e filólogo brasileiro: [...] *para a tarefa de colheita de material as mulheres são menos adequadas do que os homens...* (NASCENTES, 1958, p. 7). Nessa perspectiva, mesmo conscientes da época em que a frase foi cunhada, questiona-se: o referido autor tinha razão?

A intenção da pesquisa é, sobretudo, evidenciar o trabalho que vem sendo desenvolvido pelas mulheres no decorrer da história dos estudos dialetais no Brasil. Esse artigo faz parte de uma coletânea que se pretende construir/publicar em forma de textos, *lives* e/ou entrevistas, a fim de tornar público os registros fotográficos e/ou orais, que retratam momentos desafiadores da pesquisa de campo e que, por vezes, não são publicados.

Nessa perspectiva, o primeiro texto dessa coletânea foi elaborado com vistas à publicação na *Revista Revista A Cor das Letras*³, com destaque para a descrição dos dois primeiros atlas linguísticos iniciados no Brasil, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI, 1963), doravante APFB, e o *Atlas Lingüístico de Sergipe* (FERREIRA et al., 1987), doravante, ALS, em virtude da Comunicação Oral apresentada no IX Encontro de Sociolinguística: quebrando tabus

³ Artigo aceito em 2020.

e inovando na escola, realizado na Universidade Federal da Bahia, doravante, UFBA, em 2019. O artigo traz à tona o momento de transição da mulher nos estudos geolinguísticos, de colaboradoras para autoras dos atlas.

O segundo produto dessa empreitada, refere-se ao pôster apresentado no I Fórum Internacional em Sociolinguística (IFIS), evento que ocorreu na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2019. Tal pôster, reproduzido ao final deste artigo, recebeu a menção honrosa, 2º lugar, estudante de pós-graduação, doutorado, do prêmio Dinah Callou. Devido às especificidades do gênero textual pôster, não foi possível contar um pouco mais sobre essas memórias. Portanto, aqui, embora se faça uma revisita aos dois atlas anteriormente mencionados, com destaque para a equipe de pesquisadores e pesquisadoras, a ênfase será dada ao *Atlas Linguístico do Brasil*, (CARDOSO *et al.*, 2014), doravante ALiB, bem como às suas protagonistas.

Para execução da pesquisa, seguiram-se algumas etapas, a saber: inicialmente, delimitação do escopo da pesquisa, ao escolher os três atlas linguísticos: APFB, ALS e ALiB. Posteriormente, fez-se a leitura sistemática e cuidadosa das introduções dos atlas, com o fito de evidenciar, em cada obra consultada, o/a mentor/a, bem como a equipe de pesquisadores e pesquisadoras, sobretudo, as mulheres, atentando-se para os diversos papéis desempenhados (inquiridoras, analistas de dados, elaboradoras de cartas e revisoras) na e para a elaboração dessas obras.

Em seguida, paralelamente, foram feitos o levantamento dos dados e a elaboração de um quadro com a cronologia dos principais fatos, visando a selecionar aspectos importantes vivenciados pelos estudos geolinguísticos. Por último, recorreu-se à construção de um painel expositivo, a partir da consulta aos acervos fotográficos dos atlas selecionados, a fim de demonstrar a pertinência do trabalho desenvolvido pelas mulheres, no que tange à Geografia Linguística e à Dialetologia brasileiras.

Além dessa seção que introduz o passeio que se pretende fazer com mais uma publicação dessa coletânea de trabalhos de cunho memorialístico, de pesquisa documental e imagética, o presente artigo está subdividido em duas seções principais, as quais têm o objetivo de guiá-los por essa trilha, ao (re) visitar caminhos, histórias e memórias da geolinguística brasileira. Após essa introdução, a seção seguinte abordará, de maneira sucinta, o surgimento da Dialetologia (contextos: externo e interno). A próxima seção tratará dos três atlas, com destaque para a composição das equipes. Por fim, seguem as conclusões, as referências e o pôster.

Caminhos e breve contextualização da Dialetologia

De antemão, cabe ilustrar, além de diferenciar, aspectos referentes aos conceitos da Dialetologia, Geolinguística e Sociolinguística.

Atribui-se à ciência dialetal, a Dialetologia, a responsabilidade de investigação de dados da língua oral, com ênfase nos aspectos espaciais/geográficos, de forma prioritária. Mas também essa preocupação se estende aos aspectos sociais, que, de certa maneira, podem moldar as

escolhas linguísticas dos falantes de uma comunidade, tais como: idade, sexo, escolaridade, religião, acesso aos bens culturais e até nível socioeconômico.

Geolinguística e/ou Geografia Linguística entende-se como um método específico utilizado pela ciência dialetal (COSERIU, 1965), objetivando retratar os fenômenos estudados, por meio de cartas, cartogramas, mapas e atlas linguísticos. Atualmente, a metodologia dos estudos dialetais vem sendo designada como geolinguística pluridimensional (THUN, 2000), justamente por contemplar, enquanto método, a variação social. Leva-se em conta não apenas a variação diatópica, prioritária para a Dialectologia, contempla-se também a variação diageracional, diasssexual, diastrática e diafásica.

Por sua vez, a Sociolinguística, também conhecida como ciência da variação e da mudança linguísticas (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]), também investiga fenômenos da língua falada, como a base do seu próprio nome sugere, tem a tarefa de estudar a língua, associado-a aos aspectos sociais, advogando que tal associação é indispensável, uma vez que não pode existir língua sem o viés social considerado e descrito.

Após o breve preâmbulo necessário, busca-se a seguir situar a ciência dialetal e, no que tange ao contexto internacional e externo ao português, destacam-se alguns marcos dos estudos dialetais, que podem ser vislumbrados por meio do quadro 1, elaborado a partir do descrito por Pop (1950) e apresentado por Cardoso (2010). Cabe mencionar que, segundo Cardoso (2010, p.35), tais marcos podem ser chamados de “começos dos estudos geolinguísticos”.

Quadro 1 – Começos da Geolinguística no mundo.

Ano	Marco (s)
1804	A criação da <i>Academie Celtique</i> .
1807	A aplicação de inquérito feito por correspondência, pelo barão Charles Étienne Coquebert de Montbret.
1812	O posicionamento de J. Grimm em defesa do “patois”.
1819	A descrição de grupos de dialetos alemães feita por J. Grimm.
1823	A possibilidade de realização cartas fonéticas por Dèsiré Monnier.
1826	A publicação do <i>Atlas ethnographique du Globe...</i> , por Adrien Balbi.
1833	A publicação do 1º fascículo da gramática comparada das línguas indo-europeias de autoria de Franz Bopp.
1841	A publicação do <i>Atlas Linguistique de l'Europe</i> , por Bernadino Biondelli.
1887	A realização de recolha sistemática para o <i>Atlas Linguistique de la France</i> , de autoria de Jules Gilleron e Edmond Edmont.
Sec. XIX (fim)	A documentação da diversidade de usos na Alemanha realizada por Wenker, em 1881, para o <i>Sprachatlas Von Nord – und Mitteldeutschland, auf Grund von systematisch mit Hilfe der Volksschuler gesammeltem Material aus circa 30.000 Orten</i> .
1921	A realização de recolha de material, por meio de inquéritos sistemáticos, comparando falantes do campo, urbanos e cultos, feita por J. A. Schmeller, na Baviera.

Fonte: Elaborado pelos autores com base em Cardoso (2010, p. 33-44).

Ainda no cenário internacional e externo ao português, o início da Dialetologia é atribuído aos feitos de Wenker, na Alemanha, e aos de Edmond Edmont e Jules Gilliéron, na França.

No cenário internacional e interno, ou seja, observando a língua portuguesa, aponta-se para a obra de Andren Balbi, *Atlas ethnographique du globe...*, pois, nela, encontram-se as primeiras ponderações sobre a descrição do Português Brasileiro, de autoria de Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca. Outros marcos podem ser citados, quando se revisita a história dos estudos dialetais e geolinguísticos brasileiros, conforme quadro 2.

Quadro 2 – Alguns marcos do desenvolvimento da Geolinguística no Brasil.

Ano	Marco (s)
1826	Na introdução do <i>Atlas ethnographique du Globe...</i> , Domingos Borges de Barros compara o Português do Brasil com o português de Portugal.
1920	<i>O dialeto caipira</i> , de Amadeu Amaral.
1922	<i>O linguajar carioca em 1922</i> , de Antenor Nascentes.
1934	<i>A língua do Nordeste</i> , de Mário Marroquim.
1952	Decreto presidencial nº 30.643, que institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre seu funcionamento e as funções da Comissão de Filologia.
1952	Portaria nº 536, que detalha o Decreto e assenta as funções da Comissão de Filologia e explicita a necessidade de elaboração do atlas nacional.
1953	Mapa dialetal do Brasil, de Antenor Nascentes em <i>O linguajar carioca</i> .
1957	<i>Guia para os estudos dialetológicos</i> , de Serafim da Silva Neto.
1958/1961	<i>Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil</i> , de Antenor Nascentes.
1963	<i>Atlas Prévio dos Falares Baianos</i> .
1987	Atlas Linguístico de Sergipe.
1992	<i>A Geografia linguística no Brasil</i> , de Sílvia Brandão.
1994	<i>A Dialetologia no Brasil</i> , de Carlota Ferreira e Suzana Cardoso.
1996	Instituição do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB).
2001	Primeiro inquérito realizado pela equipe do Projeto ALiB, em Quirinópolis-Go.
2010	<i>Geolinguística: tradição e modernidade</i> , de Suzana Cardoso.
2013	Último inquérito feito pela equipe do Projeto ALiB, em Limoeiro - PE.
2014	Publicação dos dois primeiros volumes do <i>Atlas Linguístico do Brasil</i> .
2018 ⁴	Proposta atualizada do mapa dialetal de 1953, elaborada a partir da Cartografia automatizada (SIG), por Ana Regina Teles.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Conforme exposto no quadro 2, e sem incluir a publicação de todos os atlas produzidos no País⁵, inúmeros acontecimentos dão conta de retratar os progressos da geolinguística, por meio dos esforços de dialetólogos e dialetólogas. Dentre tais fatos, destacam-se os três eleitos

4 Teles (2018) propõe a existência da 5ª fase para os estudos dialetais brasileiros, tendo como marco inicial a publicação dos dois primeiros volumes do *Atlas Linguístico do Brasil* (CARDOSO *et al.*, 2014), em 2014, e se estende até os dias atuais.

5 Sobre os produtos da geolinguística brasileira, consultar Romano (2020).

para a discussão ora proposta, o primeiro atlas linguístico publicado no Brasil, o APFB (ROSSI, 1963), atlas monodimensional; o segundo atlas iniciado no Brasil, após o atlas da Bahia, o ALS (FERREIRA *et al.*, 1987), exemplo de atlas na perspectiva bidimensional; e o ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014), atlas pluridimensional.

No contexto externo e interno, ao observar os quadros 1 e 2, inicialmente, percebe-se a forte e/ou quase majoritária presença masculina, no que tange à condução da ciência dialetal, bem como nos produtos geolinguísticos. No Brasil, tal tendência foi se modificando, como ilustraremos na seção seguinte. Longe de querer estimular pensamentos sexistas na ciência dialetal, uma vez que os importantes papéis desenvolvidos pela figura masculina, de certo modo, formaram uma equipe de mulheres, cientistas, dialetólogas, linguistas, fortes, batalhadoras, inspiradoras.

O trabalho pretende fixar tais marcos de presenças da mulher nas ciências humanas, em particular no âmbito da Letras, e nos centros de pesquisa em implantação, de modo tímido, nas universidades brasileiras. Dentre as inúmeras personalidades masculinas, vale destacar o protagonismo e a generosidade do professor Nelson Rossi, professor, pesquisador, foneticista, vinculado à UFBA, um verdadeiro mestre dialetólogo.

Geograficamente, também, destaca-se a Bahia, como uma espécie de útero gestacional de linguistas, haja vista a sua relevância para a formação de inúmeros pesquisadores e pesquisadoras das ciências dialetais, com destaque para Carlota Ferreira, Dinah Callou, Rosa Virginia Mattos e Silva, Vera Rollemberg⁶, Suzana Cardoso e Jacyra Mota, formadas pelas mãos de Rossi e, que, devido aos frutos da boa escola de formação dialetológica, multiplicaram, através de mãos hábeis e mentes sábias, novas sementes que hoje frutificam/florescem de Norte a Sul do Brasil.

Estudos geolinguísticos no Brasil: um caminho e três destinos para aportar

Com um intuito de contemplar o caráter histórico-documental e memorístico desse artigo, além dos três atlas eleitos para observação, APFB (ROSSI, 1963); ALS (FERREIRA *et al.*, 1987); e ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014), outros atlas foram consultados e visitados, tais como:

- *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* – EALMG – (RIBEIRO *et al.*, 1977);
- *Atlas Lingüístico da Paraíba* – ALPB – (ARAGÃO; BEZERRA DE MENEZES, 1984);
- *Atlas Lingüístico do Paraná* – ALPR – (AGUILERA, 1994);
- *Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil* – ALERS – (KOCH *et al.*, 2002);
- *Atlas Lingüístico de Sergipe II* – ALS – (CARDOSO, 2005).

⁶ Na época, Dinah Maria Montenegro Isensee; Rosa Virginia Barreto de Mattos Oliveira; e Vera Lúcia Reis Moreira.

Tais obras serão alvo de pesquisas futuras, pois, como já mencionado, a pretensão é revisitar os acervos fotográficos, memorísticos e afetivos dos pesquisadores e pesquisadoras que fortaleceram a ciência dialetal no Brasil, por meio dessas contribuições de valor incalculável. Desse modo, é relevante descortinar histórias e vivências que, ainda, não foram reveladas, pois possuem grande valia para a formação pessoal, intelectual e acadêmica desses estudiosos e estudiosas.

Aqui, nesse artigo, procura-se destacar a relevância do trabalho em equipe nos três atlas, pois, a Dialetologia é, de fato, uma ciência agregadora e, por isso, os frutos geolinguísticos tendem a ser obra feita com a colaboração de vários pesquisadores e várias pesquisadoras. As informações mais detalhadas sobre os atlas podem ser encontradas em algumas obras da literatura dessa ciência, tais como:

- *A geografia lingüística no Brasil* (BRANDÃO, 1991);
- *A dialetologia no Brasil* (FERREIRA; CARDOSO, 1994)
- *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas* (AGUILERA, 1998);
- *A Geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer* (AGUILERA, 2005);
- *Geolingüística: tradição e modernidade* (CARDOSO, 2010);
- *A geolingüística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados* (AGUILERA; ROMANO 2016).

Feitas essas considerações, passa-se, então, para o tripé fundamental para os estudos geolinguísticos brasileiros, a saber: o APFB (ROSSI, 1963); o ALS (FERREIRA *et al.*, 1987); e o ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014). A proposição do tripé elementar explica-se pelos seguintes motivos: aquele, foi o atlas pioneiro elaborado no país, foi o pontapé inicial dos estudos geolinguísticos e, certamente, tornou-se referência para o desenvolvimento e aprimoramento dos sucessores frutos da Geolingüística brasileira, atlas monodimensional; esse, por sua vez, instaura o caráter bidimensional no âmbito da pesquisa dialetal, embora tenha sido publicado muito depois, foi o segundo atlas iniciado, com intencionalidade de continuação da pesquisa feita na Bahia; por fim, este, por ser uma meta alcançada, o sonho idealizado e concretizado por gerações de dialetólogos e dialetólogas do Brasil. Para além disso, constitui-se como um material valioso, e é obra de caráter pluridimensional.

O tripé, caso seja aludida à história de concepção, elaboração e publicação, pode ser nomeado, respectivamente e carinhosamente, – *coragem* – *resistência* – *perseverança* – pois ilustra, de forma evidente, os avanços e aprimoramentos da Dialetologia e do método, a Geolingüística – monodimensional – bidimensional – pluridimensional.

O *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI, 1963), idealizado e liderado pelo professor Nelson Rossi, abre os caminhos para o desenvolvimento da mente dialetológica que se criaria no Brasil à época. Nesse sentido, Rossi destaca-se pelo ideal de desenvolver

habilidosas mãos para a pesquisa dialetal na Bahia, tornando esse Estado referência para a dialetologia brasileira. Sendo assim, o atlas pioneiro contou com a participação de várias mulheres que, até então, ocupavam as funções de colaboradoras, inquiridoras e transcritoras. Citam-se elas, 10 mulheres: Dinah Callou e Carlota Ferreira (colaboradoras principais); Rosa Virginia Mattos e Silva e Vera Rollemberg (colaboradoras); Ana Maria Garcia, Cyva Leite, Edelweiss Nunes, Josefina Barletta, Judith Freitas e Tânia Pedrosa (inquiridoras e transcritoras).

Figura 1 – APFB – Rossi e sua equipe: um homem e as mulheres em sua 1ª empreitada dialetológica



Fonte: Santos; Ribeiro (2019).

Assim, na Bahia, local onde se deu o início da colonização do Brasil, nasce o primogênito dos frutos geolinguísticos, o APFB (ROSSI, 1963), com data de publicação um ano antes do regime militar, período de repressão e muitos atos contra a democracia. E, também, com o atlas, nasce, na UFBA e no Brasil, uma espécie de centro de formação de linguistas⁷.

Mediante aos vislumbres históricos, cabe, agora, trazer à tona, alguns textos, imagéticos, por sinal, pois se acredita que eles, de certo modo, são responsáveis por contar muito sobre as vivências das equipes dialetológicas, além de transportar, aos que se permitirem, para uma viagem no tempo e no espaço, a fim de acompanhar as trilhas feitas por tais equipes. Logo, então, é feito um convite ao início dos caminhos dialetais, por meio das fotografias disponíveis nos arquivos do APFB (ROSSI, 1963).

⁷ É importante destacar que outros pesquisadores também nutriam o gosto pelos estudos dialetais como bem se pode exemplificar pela presença de Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha dentre outros, em outras instituições brasileiras.

Figura 2 – Viagem para pesquisa de campo:
Carlota Ferreira, Tânia Pedrosa e o piloto⁸.



Fonte: Arquivo fotográfico APFB.

Figura 3 – Viagem para pesquisa de campo:
Carlota Ferreira e Tânia Pedrosa.



Fonte: Arquivo fotográfico APFB.

Figura 4 – Dinah Isensee e informante.



Fonte: Arquivo fotográfico APFB.

Figura 5 – Pesquisadora e informante.



Fonte: Arquivo fotográfico APFB.

⁸ Identificação de pesquisadores e informantes fornecida pelas professoras Jacyra Mota e Carlota Ferreira. E fotos incluídas também em Santos; Ribeiro (2020).

Figura 6 – Equipe do APFB em pesquisa de campo.



Fonte: Arquivo fotográfico APFB.

Figura 7 – Equipe do APFB.



Fonte: Arquivo fotográfico APFB.

Logo, atrela-se ao primogênito à palavra *Coragem*, devido às inúmeras acepções do termo, mas, sobretudo, pelo espírito proativo de tal equipe.

Como explicitado na introdução deste artigo, o trabalho aqui apresentado faz parte de uma coletânea em elaboração que visa à documentação e ao registro de uma história exitosa. Sugere-se uma consulta ao artigo sobre o APFB e ALS, elaborado pelos autores.

O *Atlas Lingüístico de Sergipe* – ALS (FERREIRA *et al.*, 1987), empreitada idealizada e liderada Carlota Ferreira, busca dar prosseguindo ao desenvolver da ciência dialetal no Brasil, em um estado menor, porém, próximo à Bahia, Sergipe. O ALS (FERREIRA *et al.*, 1987) torna-se, desta feita, o segundo atlas linguístico iniciado, em 1963, mas a obra só foi publicada em 1987, devido à escassez de recursos econômicos. Novamente, destaca-se o caráter do espírito de equipe, peculiar aos trabalhos dessa natureza, como outrora mencionado. Também, nesse sentido, tal atlas marca a ascensão/transição das mulheres, de coadjuvantes a protagonistas, haja vista à condução, quase que majoritária, das mulheres nos próximos frutos dialetais, dentre atlas, textos, livros etc.

Sendo assim, a equipe responsável pelo ALS (FERREIRA *et al.*, 1987) foi composta por: Carlota Ferreira (autora e inquiridora); Jacyra Mota, Suzana Cardoso, Vera Rollemberg, Nadja Andrade e Judith Freitas (coautoras e inquiridoras); e Nelson Rossi (coautor e inquiridor).

Figura 8 – ALS – Ferreira e sua equipe: as mulheres no centro da cena dialetológica



Fonte: Santos; Ribeiro (2019).

Mais uma vez, evoca-se ao arquivo das memórias fotográficas, com o objetivo de viajar pelos caminhos iniciais da pesquisa dialetológica brasileira.

Figura 9 – Carlotinha Ferreira em entrevista com informante.



Fonte: Arquivo fotográfico ALS.

Figura 10 – Jacyra Mota e a família do informante.



Fonte: Arquivo fotográfico ALS.

Figura 11 – Nelson Rossi, Nádia Andrade, Suzana Cardoso, Jacyra Mota e a família de um informante.



Fonte: Arquivo fotográfico ALS.

Figura 12 – Equipe de inquiridoras: Judith Freitas, estudantes e informantes.



Fonte: Arquivo fotográfico ALS.

Resistência é o termo que se pode associar, quando observados os caminhos dessa equipe e desse atlas.

O *Atlas Linguístico do Brasil* – ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014), grande empreendimento de caráter interinstitucional, foi capitaneado e conduzido por uma mulher, Suzana Alice Marcelino Cardoso (em memória). O desejo de retomar os intentos do tão almejado atlas nacional nasce em solo baiano, por meio dessa personalidade ímpar para os estudos geolinguísticos brasileiros, em 1996, através do *Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística Brasileira*, que aconteceu na UFBA. Surge, assim, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), em um Brasil bem diferente (político e culturalmente) cuja história, fundamentos e percursos trilhados podem ser acompanhados por meio da vasta literatura produzida pela equipe do referido Projeto, conforme figuras 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19 e 20.

Figura 13 – Capa dos *Questionários* (2001).



Fonte: Fotografia feita pelos autores.

Figura 14 – Capa do livro *Documentos 1*.



Fonte: Fotografia feita pelos autores.

Figura 15 – Capa do livro *Documentos 2*.



Fonte: Fotografia feita pelos autores.

Figura 16 – Capa do livro *Documentos 3*.



Fonte: Fotografia feita pelos autores.

Figura 17 – Capa do livro *Documentos 4*.

Figura 18 – Capa do livro *Documentos 5*.

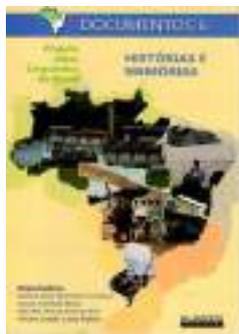


Fonte: Fotografia feita pelos autores.



Fonte: Fotografia feita pelos autores.

Figura 19 – Capa do livro *Documentos 6*.



Fonte: Fotografia feita pelos autores.

Figura 20 – Capa do livro *Documentos 7*.



Fonte: Fotografia feita pelos autores.

Novamente, ratificam-se a importância e a força do trabalho em equipe. Citam-se, nesse sentido, a formação do primeiro Comitê Nacional do Projeto ALiB⁹: Suzana Cardoso, Jacyra Mota, Socorro Aragão, Vanderci Aguilera, Mário Roberto Lobuglio Zágari e Walter Koch¹⁰. À primeira formação do Comitê Nacional, agregam-se Aparecida Isquerdo, representante dos atlas em elaboração e Abdelhak Razky como autor de atlas publicados. Em 2016, durante o XIII WorkALiB, o Comitê Nacional foi reestruturado, passando a contar com representantes de atlas publicados e atlas em andamento e de pesquisadores do ALiB vinculados a cada universidade de pesquisa.

O Comitê está, na atualidade, formado por 13 diretores, a saber: Jacyra Andrade Mota (Diretora Presidente - Universidade Federal da Bahia); Silvana Soares Costa Ribeiro (Diretora Executiva - Universidade Federal da Bahia); Abdelhak Razky (Diretor Científico - Universidade Federal do Pará); Aparecida Negri Isquerdo (Diretora Científica - Universidade Federal de Mato

⁹ O Comitê Nacional é o órgão que dirige e coordena todas as atividades do Projeto ALiB e é composto de diretora-presidente, diretora executiva e diretores científicos.

¹⁰ Deixaram o ALiB em momentos distintos, trabalhando até os últimos dias de suas vidas, Walter Koch, Mário Roberto Zágari e Suzana Cardoso.

Grosso do Sul); Conceição Maria de Araújo (Diretora Científica - Universidade Federal do Maranhão); Fabiane Cristina Altino (Diretora Científica - Universidade Estadual de Londrina); Felício Wessling Margotti (Diretor Científico - Universidade Federal de Santa Catarina); Marcela Moura Torres Paim (Diretora Científica - Universidade Federal Rural de Pernambuco e Universidade Federal da Bahia); Maria do Socorro Silva de Aragão (Diretora Científica - Universidade Federal do Ceará/Universidade Federal da Paraíba); Marilúcia Barros de Oliveira (Diretora Científica - Universidade Federal do Pará); Regiane Coelho Pereira Reis (Diretora Científica - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul); Valter Pereira Romano (Diretor Científico - Universidade Federal de Santa Catarina) e Vanderci de Andrade Aguilera (Diretora Científica - Universidade Estadual de Londrina).

Além das professoras e professores que compõem o Comitê Nacional, o Projeto ALiB contou com o apoio de 26 inquiridoras e seis inquiridores; 65 inquiridoras auxiliares e 12 inquiridores auxiliares; 31 pesquisadoras e 12 pesquisadores; e, por fim, e até 2019 contava com 158 bolsistas mulheres e 40 bolsistas homens. Registra-se, também, que, atualmente, o Comitê Nacional possui outra configuração.

Figura 21 – ALiB – Cardoso e sua equipe: a empreitada dialetológica envolvendo mulheres e homens



Fonte: Santos; Ribeiro (2019).

Agora, sim, feitas essas considerações, vamos ao passeio, arquivo de fotos, a fim de saborear *a dor e a delícia*¹¹ da construção de um atlas nacional.

¹¹ Trecho retirado da canção *Dom de Iludir*, de Caetano Veloso.

Figura 22 – Seminário Caminhos e Perspectiva para a Geolinguística Brasileira.



Fonte: Arquivo fotográfico do Projeto ALiB.¹²

Figura 23 – Comitê Nacional do Projeto ALiB –
1ª RN - Reunião Nacional, 1997.



Fonte: Arquivo fotográfico do Projeto ALiB.

Figura 24 – Comitê Nacional do Projeto ALiB.
– 4ª RN - Reunião Nacional, 1999.



Fonte: Arquivo fotográfico do Projeto ALiB.

Figura 25 – Comitê Nacional do Projeto ALiB,
vigente até 2016.



Fonte: Arquivo fotográfico do Projeto ALiB.

Figura 26 – Comitê Nacional do Projeto ALiB,
vigente a partir de 2016 – XIII WorkALiB.



Fonte: Arquivo fotográfico do Projeto ALiB.

¹² Algumas das fotos aqui apresentadas estão também publicadas em CARDOSO et. al., (2017).

Figura 27 – I WorkALiB, 1999.

Fonte: Arquivo fotográfico do Projeto ALiB.

Figura 28 – I WorkALiB, 1999.

Fonte: Arquivo fotográfico do Projeto ALiB.

Figura 29 – III WorkALiB, 2002.

Fonte: Arquivo fotográfico do Projeto ALiB.

Figura 30 – Comitê Nacional do Projeto ALiB.
– 35ª RN - Reunião Nacional, 2012 (ampliada).

Fonte: Arquivo fotográfico do Projeto ALiB.

Figura 31 – VI WorkALiB, 2008.

Fonte: Arquivo fotográfico do Projeto ALiB.

Figura 32 – XIII WorkALiB, 2016.

Fonte: Arquivo fotográfico do Projeto ALiB.

Figura 33 – Estrada de terra em viagem para Afrânio – PE, 2012.



Fonte: Arquivo fotográfico do Projeto ALiB.

Figura 34 – Fogão de lenha em casa de informante, onde os inquiridores tomaram um excelente café. Corrente, PI, 2012.



Fonte: Arquivo fotográfico do Projeto ALiB.

Figura 35 – Entrevista em Mossoró, 2012.



Fonte: Arquivo fotográfico do Projeto ALiB.

Figura 36 – Entrevista em Picos, 2012, na casa do informante. Entrevistadora e auxiliares.



Fonte: Arquivo fotográfico do Projeto ALiB.

Figura 37 – Lançamento do ALiB em Londrina, 2014.



Fonte: Arquivo fotográfico do Projeto ALiB.

Figura 38 – Ana Regina Teles autografando o ALiB.



Fonte: Arquivo fotográfico do Projeto ALiB.

Figura 39 – Lançamento do ALiB em Salvador, 2014.



Fonte: Arquivo fotográfico do Projeto ALiB.

Figura 40 – Lançamento do ALiB em Salvador, 2014.



Fonte: Arquivo fotográfico do Projeto ALiB.

A história do ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014) é, de fato, uma história de *Perseverança*, uma vez que o tão sonhado atlas nacional só foi concretizado depois de muitas décadas, após o referido decreto.

Passos finais desta breve viagem e outras trilhas a percorrer

A despeito de ser uma tarefa complexa, encontrar palavras que tentem concluir este artigo, que simboliza uma parte da história da Dialetoлогия e Geolinguística brasileiras, evidencia-se a enorme riqueza desta pesquisa, de caráter documental e arquivístico, para que fiquem salvaguardados e salvaguardadas, na história e na memória, os brilhantes antecessores e as brilhantes antecessoras da pesquisa dialetal. Os resultados desta pesquisa, como já mencionado na primeira seção deste artigo, faz parte de um trabalho maior, em andamento, que busca construir um acervo memorístico e afetivo para que sejam destacadas as personalidades da Dialetoлогия brasileira, sobretudo, às mulheres. A história e os fatos, felizmente, comprovam a imprecisão da fala do eminente dialetólogo e filólogo Antenor Nascentes (1958).

No que tange aos três atlas, o tripé elementar, com todo respeito ao contexto sagrado, poderia ser, de forma análoga, comparados à Santíssima Trindade, visto a enorme simbologia do número três no imaginário popular. Ainda, nessa perspectiva, os números são fatos marcantes: o APFB (ROSSI, 1963), foi o primeiro, ou seja, o primogênito; o ALS (FERREIRA *et al.*, 1987) aguardou 14 anos para a publicação, mesmo tempo em que Jacó trabalhou para se casar com a filha de Labão; e o ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014), pois a pesquisa *in loco*, iniciada em 2001 e concluída em 2013, durou 12 anos, número de discípulos no novo testamento, dentre outras referências representativas desse número no livro bíblico (BIBLIA, 2019).

Os três importantes atlas para os estudos geolinguísticos do Brasil, como já mencionado

anteriormente, marca o desenvolvimento da pesquisa dialetal e geolinguística brasileiras. Tornando, assim, evidente o aprimoramento da mentalidade dialetal a qual foi sugerida por Serafim da Silva Neto (1957), demonstrando que a mentalidade foi corporificada e solidificada, ainda bem. Ademais, a ascensão da figura feminina, nos anos 60, enquanto colaboradoras, e, nas décadas seguintes, enquanto autoras dos atlas.

Ainda, nesse sentido, vale destacar, novamente, o trabalho coletivo das pesquisas dessa natureza, bem como a importância dos seus mentores e mentoras para a formação de novos pesquisadores e pesquisadoras: Nelson Rossi, como um bom multiplicador, representante da *Coragem*; Carlota Ferreira, como a primeira mulher a conduzir a elaboração de um atlas no Brasil, representante da *Resistência*; e, por sua vez, Suzana Cardoso, saudosa, mestre das palavras, carinhosamente, chamada de madre e/ou mãe, representante da *Perseverança*.

Recorre-se, nesse momento final, aos versos¹³ de João Cabral de Melo Neto, fazendo alusão ao tripé:

[...] Daí porque ele fala devagar:
Tem de pegar as palavras com cuidado.
Confeitá-las na língua, rebuçá-las;
Pois toma tempo todo esse trabalho.

Por fim, esse artigo, mais um capítulo da série, é dedicado às mulheres dialetólogas brasileiras e aos homens dialetólogos brasileiros. Em breve, mais capítulos, mais histórias e mais memórias.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas Lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. (org.) *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Editora da UEL, 1998.

AGUILERA, Vanderci de Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida; MOTA, Jacyra Andrade. (orgs.) *Documentos 1*. Salvador: EDUFBA, 2003.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. (org.) *A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: EDUEL, 2005.

AGUILERA, Vanderci de Andrade; ROMANO, Valter Pereira. (orgs.) *A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados*. Londrina: Eduel, 2016.

13 Versos na epígrafe do ALS (FERREIRA et. al. 1987).

ARAGÃO, Maria do Socorro. S. de; BEZERRA DE MENEZES, Cleuza. *Atlas Lingüístico da Paraíba*. Brasília: UFPB; CNPq, Coordenação Editorial, 1984.

BALBI, Adrien. *Atlas ethnographique du Globe, ou classification des peuples anciens et modernes d'après leurs langues... et suivi du tableau phisique, moral et politique des cinq parties du monde...* Paris: Chez Rey et. Gravier, 1826.

BÍBLIA, Português. *A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 2019.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *A geografia lingüística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

BRASIL. Decreto n.º 30.643, de 20 de março de 1952. Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre seu funcionamento. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Senado Federal, Subsecretaria de Informações, Brasília, DF, 20 mar. 1952.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. *Atlas Lingüístico de Sergipe II*. Salvador: EDUFBA, 2005.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; PAIM, Marcela Moura Torres. (orgs.) *Documentos 3*. Salvador: Vento Leste, 2012.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; PAIM, Marcela Moura Torres; RIBEIRO, Silvana Soares Costa. (orgs.) *Documentos 4*. Salvador: Vento Leste, 2013.

CARDOSO, Suzana *et al.* *Atlas Linguístico do Brasil*, v.1. (Introdução). Londrina: EDUEL, 2014a.

CARDOSO, Suzana *et al.* *Atlas linguístico do Brasil*, v. 2 (Cartas linguísticas). Londrina: EDUEL, 2014b.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; PAIM, Marcela Moura Torres; RIBEIRO, Silvana Soares Costa. (orgs.) *Documentos 6*. Salvador: Quarteto, 2016.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; PAIM, Marcela Moura Torres; RIBEIRO, Silvana Soares Costa. (orgs.) *Documentos 7*. Salvador: Quarteto, 2016.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB: *Atlas Lingüístico do Brasil: Questionários*. Londrina: UEL, 2001.

COSERIU, Eugênio. La geografía lingüística. *Cuadernos del Instituto Lingüístico Latinoamericano*, Montevideo, n. 11, 1965.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *A Dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Carlota; FREITAS, Judith; MOTA, Jacyra Andrade; ANDRADE, Nadja; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino.; ROLLEMBERG, Vera.; ROSSI, Nelson. *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Salvador: UFBA / Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987. Salvador: EDUFBA, 2005.

GILLIÉRON, Jules; EDMONT, Edmond. *Atlas Linguistique de la France*. 35 fasc. Paris: Honoré Champion, 1902-1910.

KOCH, Walter; ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASSMANN, Mário Silfredo. (orgs.) *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas fonéticas e morfossintáticas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2002.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana A. M. (orgs.) *Documentos 2: Projeto Atlas lingüístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006.

MOTA, Jacyra. Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; RIBEIRO, Silvana Soares Costa; PAIM, Marcela Moura Torres; TELES, Ana Regina Ferreira; SANTOS, Denise Gomes Dias; PRUDÊNCIO, Sandra Cerqueira Pereira; FERREIRA, Carlota da S; ROLLEMBERG, Vera Lucia. *Evento comemorativo dos 50 anos de publicação do Atlas Prévio dos Falares Baianos*. 2013.

MOTA, Jacyra Andrade; PAIM, Marcela Moura Torres; RIBEIRO, Silvana Soares Costa. (orgs.) *Documentos 5*. Salvador: Quarteto, 2013.

NASCENTES, Antenor. Études dialectologiques du Brésil. *ORBIS - Bulletin International de Documentat ion Linguistique*, Louvain , t. 2, n. 2, p. 438-444, 1953.

NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa, v. 1, 1958; v. 2, 1961.

MELO NETO, João Cabral de. O sertanejo falando. In: OLIVEIRA, Marly de. (org.) *Obra completa: volume único*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p.335-336. (Biblioteca luso-brasileira. Série brasileira).

POP, Sever. *La dialectologie*. Aperçu historique et méthodes d'enquêtes linguistiques, v. 1 e 2. Louvain: Chez l'Auteur; Gembloux, Duculot, 1950.

RIBEIRO, José; ZÁGARI, Mário Roberto L.; PASSINI, José; GAIO, Antonio Pereira. *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

ROMANO, Valter Pereira. Desdobramentos, desafios e perspectivas da Geolinguística Pluridimensional no Brasil. In: MOTA, Jacyra Andrade; OLIVEIRA, Josane Moreira de; PAIM, Marcela Moura Torres; RIBEIRO, Silvana Soares Costa. (orgs) *Contribuições de Estudos*

Geolinguísticos para o Português brasileiro: uma homenagem a Suzana Cardoso. Salvador, EDUFBA, 2020, p. 11-40.

ROSSI, Nelson. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro-Ministério da Educação e Cultura, 1963.

SANTOS, Leandro Almeida dos; RIBEIRO, Silvana Soares Costa. *A mulher e a Dialetologia: tinha Nascentes razão?* Postêr. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SANTOS, Leandro Almeida dos; RIBEIRO, Silvana Soares Costa. *A Mulher na Dialetologia brasileira: tinha Nascentes razão?* *Revista A cor das Letras*, Universidade Estadual de Feira de Santana. Cidade, 2020.

SILVA NETO, Serafim da. *Guia para estudos dialectológicos*. 2. ed. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

TELES, Ana Regina Torres Ferreira. *Cartografia e Georreferenciamento na Geolinguística: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes*. 2018. 483f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Salvador.

THUN, Harald; FORTE, Carlos; ELIZAINCÍN, Adolfo. *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)*. Fasc. A.1. Kiel: Westensee, 2000.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. – São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ANEXO 1

Pôster premiado com a menção honrosa, 2º lugar, Prêmio Dinah Callou.

A MULHER E A DIALETOLOGIA: TINHA NASCENTES RAZÃO?
 Leandro Almeida dos Santos
 (PPGFLinC, Universidade Federal do Rio de Janeiro)
 Orientadora: Profa. Dra. Silvana Soares Costa Ribeiro
 (LBR4, silvana@ufrj.br)

INTRODUÇÃO

O trabalho tem por meta destacar o papel da mulher na Dialetologia Brasileira. Leva-se em consideração a preocupação manifestada por Amorim Nascentes, em 1958, em relação à elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, a saber: (...) para a tarefa de coleta de material as mulheres são menos adequadas do que os homens... (NASCENTES, 1958, p. 7).

Partindo da afirmação do autor, consideram-se as características da sociedade brasileira nas décadas de 50 e 60 do século XX, que, à época, revelavam uma pouca ou quase nula presença de mulheres nas universidades, desempenhando funções de pesquisadoras ou linguistas. A ida a campo para realizar pesquisa de línguas mostrava-se algo extremamente difícil e, até certo ponto, desafiador.

A intenção do estudo, portanto, é construir um panorama histórico que resgate o importante papel que, desde aquele período, vem sendo desempenhado pela mulher nos estudos dialetológicos brasileiros no curso da história, sobretudo, por meio dos frutos do método geolinguístico.

ASPECTOS TEÓRICOS FUNDAMENTAIS

Algumas obras serviram de aporte teórico para a pesquisa: *Beats para a Elaboração do Atlas Linguístico do Brasil* (NASCENTES, 1958); *Guia para estudos dialetológicos* (SILVA NETO, 1957); *A Dialetologia no Brasil* (FERREIRA; CARDOSO, 1994); *Documentos 2* (NOTA; CARDOSO, 2006); *Geolinguística: tradição e modernidade* (CARDOSO, 2010) e o artigo *Balço crítico da Geolinguística Brasileira e a preparação de um dicionário* (ROMANO, 2013).

A fim de contemplar a pesquisa de caráter documental, além do *Atlas Linguístico do Brasil - ALIB* - (CARDOSO et al., 2014; 2014b), representam da 4ª fase dos estudos dialetais brasileiros, seis outros atlas linguísticos pertencentes à 3ª fase foram consultados, a saber: *Atlas Prático dos Falares Brasileiros* - APFB - (ROSSI, 1963); *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* - EALMG - (RIBEIRO et al., 1977); *Atlas Linguístico de Pernambuco* - ALPB - (ARAGÃO; BEZERRA DE MENEZES, 1984); *Atlas Linguístico de Sergipe* - ALS - (FERREIRA et al., 1987); *Atlas Linguístico do Paraná* - ALPR - (AGUILERA, 1984); *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sudeste do Brasil* - ALERS - (KOCH et al., 2002).

METODOLOGIA E MATERIAIS DE ANÁLISE

Inicialmente, foi feita uma leitura criteriosa das introduções dos atlas selecionados, a fim de evidenciar as diferentes posições ocupadas pelas mulheres no desenvolvimento dos estudos dialetais brasileiros, destacando, em cada obra consultada, o(a) mentor(a), bem como a equipe de colaboradores: mulheres que desempenharam funções diversas para a elaboração dessas obras (coletoras, analistas de dados, elaboradoras de cartas e revisoras). Em seguida, procedeu-se ao levantamento dos dados, à elaboração de planilhas com a cronologia dos fatos encontrados e, por fim, à constituição de um painel expositivo, que demonstra a relevância do trabalho das mulheres para os avanços da Dialetologia e da Geografia Linguística brasileiras. Complementarmente, fez-se ampla consulta aos registros fotográficos e fichas de pesquisa de campo, objetivando ilustrar os momentos vivenciados pelas equipes.

CONTRIBUIÇÕES PARA A DIALETOLOGIA BRASILEIRA

À guisa de conclusões, apontam-se as contribuições da pesquisa documental realizada para a Dialetologia Brasileira. Os resultados deste trabalho revelaram um caminho trilhado por um grupo de pesquisadoras mulheres que, ao longo das décadas contempladas com publicação de atlas linguísticos no Brasil, vem se envolvendo fortemente na pesquisa dialetal.

O marco inicial da Geolinguística brasileira, o APFB (ROSSI, 1963), evidencia a mulher atuando como colaboradora (Dinah Callou e Carlota Ferreira), além de forte presença como inquiridoras, analistas de dados e elaboradoras de cartas linguísticas. Tais mulheres viveram em um espírito de equipe suscitado por Nelson Rossi, um professor que reconheceu a capacidade das mulheres de atuação na pesquisa e produção científica.

Observando-se as décadas 80 e 90 do século XX, fotografa-se a presença da mulher brasileira como autora de atlas linguísticos, além de manutenção dos demais papéis já desempenhados quando da elaboração do APFB. O ALPB (ARAGÃO; BEZERRA DE MENEZES, 1984), o ALS (FERREIRA et al., 1987) e o ALPR (AGUILERA, 1994) revelam esse momento de transição: as mulheres deixam de ser colaboradoras e passam a ser autoras.

No final do século XX e entrada neste novo milênio, a pesquisa em equipe, desta feita, idealizada e capitaneada por uma mulher, Suzana Cardoso, tornou-se realidade por meio do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

O Projeto ALIB tem ampla participação de linguistas brasileiros animes em todas as fases da pesquisa dialetal, envolve um número considerável de pesquisadores (mulheres e homens) e permite evidenciar as diferentes posições ocupadas pelas mulheres no desenvolvimento dos estudos dialetais brasileiros.

PRINCIPAIS RESULTADOS

1ª Fase

Atlas Prático dos Falares Brasileiros (1963)

Nelson Rossi (1918 - 1998)

Carlota Ferreira
Dinah Callou
Suzana Cardoso
Cyrá Leite
Júlia Freitas
Thais Patrício

2ª Fase

Atlas Linguístico de Pernambuco (1984)

Arágão; Bezerra de Menezes

Suzana Cardoso
Jacyra Melo
Nelson Rossi

3ª Fase

Atlas Linguístico do Brasil (2014)

Suzana Cardoso (1948 - 2014)

10 Mulheres
12 Homens

Fonte: Santos e Ribeiro (2019).

REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. de S. *Atlas Linguístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa UFPR, 1994.

ARAGÃO, V. de S. e de BEZERRA DE MENEZES, C. *Atlas Linguístico de Pernambuco*. Recife: EDUEPE/UFPE, Fundação de Amparo à Pesquisa, 1984.

CARDOSO, Suzana. *Atlas Linguístico do Brasil*. J. Amsterguê. Lins: EDUEPE, 2014.

CARDOSO, Suzana. *Atlas Linguístico do Brasil*. J. Amsterguê. Lins: EDUEPE, 2014b.

CARDOSO, Suzana. *Atlas Linguístico do Brasil*. J. Amsterguê. Lins: EDUEPE, 2014c.

FERREIRA, C.; BEZERRA, J.; ARAGÃO, V.; AGUILERA, V.; AGUILERA, S.; BEZERRA DE MENEZES, C.; ROSSI, N. *Atlas Linguístico de Sergipe*. Sergipe: UFSE, Fundação de Amparo à Pesquisa, 1987.

FERREIRA, Carlota. *Atlas Linguístico de Pernambuco*. Recife: Imprensa UFPE, 1984.

KOCH, W.; ALTIMONTI, F. S.; BEZERRA DE MENEZES, C. *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sudeste do Brasil*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

NOTA, S. *Documentos 2*. Rio de Janeiro: PPGFLinC, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

NASCENTES, Amorim. *Beats para a Elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: IEL, 1958.

ROSSI, Nelson. *Atlas Prático dos Falares Brasileiros*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1963.

ROMANO, R. *Um balanço crítico da Geolinguística Brasileira e a preparação de um dicionário*. Rio de Janeiro: PPGFLinC, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

SILVA NETO, S. *Guia para estudos dialetológicos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 1957.

PPGFLinC
CAPES
Produção gráfica: Vitor Mônica Mariana Costa
(Biblioteca de Imagem Científica da UFPA)